

Anno VII

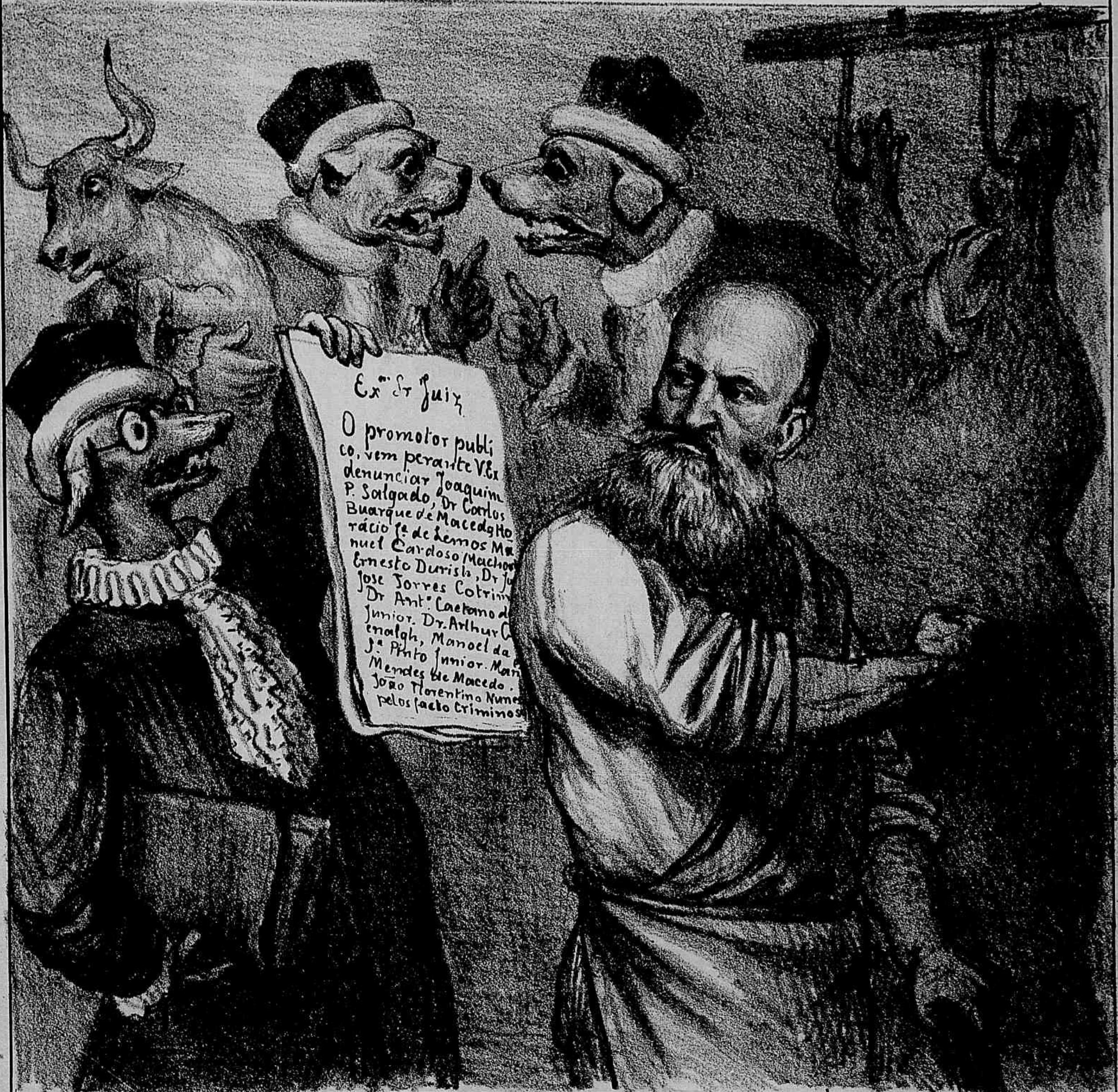
Rio de Janeiro - 23 - Janeiro - 1902 -

Nº 145



# DN QUXOTE

de Angelo Agostini  
 Largo das Cariocas 4.º (Sobrado)



Salgado. — Já não bastava dois Juizes brigarem por causa do boi!  
 Agora vem este promotor chamar-me à responsabilidade por subornos e outras babuzeiras. Oh, justiça! bem precisavas que...

# O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 22 de Janeiro de 1902

## Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4

SOBRADO

## PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno.....	258000
Semestre.....	148000
NUMERO AVULSO 18000	

## EXPEDIENTE

### AVISO

Rogamos aos nossos assignantes, o obsequio de mandarem reformar suas assignaturas, afim de não termos o desgosto de suspender a remessa da folha.

A importancia da assignatura, poderá ser enviada em carta registrada no correio, com o valor declarado, ou em um vale postal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini, largo da Carioca n. 4, sobrado.

No anno passado de 1900 a publicação do *D. Quixote* foi suspensa em fins de Abril por motivo de enfermidade grave do nosso prezado chefe Angelo Agostini.

Este corrente anno, continuando a publicação do jornal, continuamos a enviar os numeros aos assignantes que haviam pago no principio de 1900. A estes pedimos o obsequio de reformar suas assignaturas antes de terminar o actual para evitar interrupção na remessa regular.

Mas temos tambem muitos assignantes que receberam o *D. Quixote* de Janeiro a Abril de 1900 sem terem satisfeito a importancia das assignaturas e ainda não fizeram até hoje.

Cabia pagar 8\$ aos assignantes da capital federal e 10\$ aos dos estados.

A estes pedimos que entrem em acordo com a nossa caixa porque não nos é absolutamente possivel deixar o caso insolvel, dadas em grandes responsabilidade de um jornal de pesado custeio como o *D. Quixote*.

**Temos o desgosto de avisar aos nossos assignantes, ainda devedores das importâncias de assignaturas do anno findo, que, nesta data, suspendemo-lhes a remessa da folha.**

# O PAGODE ELEITORAL

## LA COMEDA É FINITA

O primeiro acto constou das eleições quasi abandonadas em que apenas insignificante maioria da população deu-se ao trabalho de ir votar, por descargo de consciencia, heroicamente, arriscando a sua vida, nos tumultos e conflitos e a sua dignidade na coparticipação da farça indigna que se chamou eleição municipal na Capital Federal.

No segundo acto, parodia burlesca da multiplicação dos pães foram protugnistas os pretores que mais multiplicaram do que sommaram, metendo em contas fantaticas, resultados ainda mais fantasticos, apresentados por chefes politicos, de secções onde toda a gente sabe que não houve eleição.

O ultimo acto, que pode ser chamado — O Prazo Fatal — foi quando os pretores, vendo esgotado o periodo legal sem que se esgotassem as duplicatas e escândalos, deram por finda a sua missão, que na verdade não findara (graças a Deus!) e lavaram as mãos como Pilatos (fazendo muito bem em tomar tal precaução, apesar semelhante trabalho.)

O Sr. ministro da justiça sem saber o que fizesse de tanto embrulho, appellou para o Sr. Dr. Campos Salles, que fez a unica cousa que lhe era permitido fazer. Annulou toda essa vergonhosa comedia e (ó dura necessidade!) chamou novamente os intendentes antigos, enquanto aguardava que o Congresso se reuna para resolver este complicado caso.

O epílogo vai ser portanto na Câmara e no Senado e esperamos ainda pasmar muito, porque já se estão preparando scenas e disparates formidaveis.

Ora ah! está.

Decididamente este pobre distrito tem caveira de burro.

Ainda por cima, depois de tanto escândalo vai aturar de novo o conselho que o favoreceu com a sua ausencia. Vai ter mais alguns meses de assoladora administração.

Esses, os intendentes de hontem é que tem muita sorte! Arranjaram por artes de berliques e berloques um anno mais de subsidio alem do prazo da lei. Agora são

os que ganham ainda e voltam para o conselho; a sustentar o caso da telephonica e outros negócios da China.

Pobre distrito federal!

# CARNES EMBRULHADAS

E continua tudo como dantes.

E continua o povo pasmo, bestificado, como se diz em linguagem política, sem perceber, sem entender nada.

Não admira, porém, porque no proprio recinto da justiça e do direito, lá, no meio da gente sabia e grave das leis, ninguém se entende. Cada juiz dá uma sentença desparatada, todos appellam para a sagrada Constituição, e, baseando-se nella, e defendendo-a, cometem quanta barbaridade lhes vem ás desmioladas cabeças, embrulhando a logica, a razão e a coerencia.

E a gente que respeite a magestade da lei.

O caso é que o vencedor é ainda o juiz Godofredo Cunha, que, saltando por cima de um contracto oficial, mettendo-se a administrar o distrito federal, e preparando novas indemnisações para os já exausitos cofres da Prefeitura, encontra o apoio do Supremo Tribunal e a impunidade para os seus desatinos.

Quanto ao unico juiz competente em matéria do Distrito, o Sr. juiz dos feitos da Fazenda Municipal esse lançou também o seu mandado de manutenção, de que fizera tanto caso como de um discurso do Seixas

E berram todos que é preciso cumprir a lei.

— Que lei? perguntam os ingenuos.

Qual é a lei solida se o contracto assinado com o governo municipal é desprezado, se a autonomia do distrito federal é desconhecida e a palavra do juiz municipal é vã.

A lei é uma pilheria, explorada por esses senhores, interessados em negócios.

A lei no Rio de Janeiro é uma grande pandega que só serve para amparar os que mais gritam e de que os exploradores se servem como base de suas especulações.

Os proprios jurisconsultos não a conhecem nem respeitam, porque, sendo a lei uma unica e clarissima, as suas opiniões são multiphas e incoerentes, variando

conforme os casos e mormente segundo as pessoas.

Sejamos fracos. Façamos toda a sorte de escândalos, arranjemos a nossa vida seja lá porque meio for, prejudiquemos os nossos inimigos, que dizem ser isso de boa guerra; mas não enchaçamos a bocca com o nome da lei não aumentemos a nossa vergonha pública, lembrando tão a miúdo, o Direito e a Justiça espezinhados pelos interesses pessoais.

## PESTE PER OMNIA

E vão ver que será assim.

Pelo caminho em que vamos é lícito perder as esperanças de ver expulsa da capital da República a Bubônica, que já foi debelada em Santos, em S. Paulo e em Campos. Só no Rio de Janeiro é que toda a pericia da Hygiene, toda a energia municipal, todos os créditos pedidos e votados não conseguem estirpar o mal.

Em Nápoles, onde a população é tão difícil dirigir como aqui, a municipalidade combateu e venceu a peste bubônica em 15 dias.

E nós que temos a febre amarela nacionalizada e estabelecida há longos anos vamos ter mais este flagelo, para completar a desmoralização da capital da República, que continuará a ser apontada no estrangeiro como um fôco de epidemias e uma ante-câmara da morte.

No meio dessa verdade desoladora as discussões estrugem, todos se accusam, todos gritam. A imprensa cahe em cima da directoria de Hygiene que quando não accusa o governo e com muita graça porque se os créditos não chegam a culpa não é dos poderes públicos, que consideram quanto lhe foi pedido, accusa e publico.

Ora o público é o mesmo em toda parte e não obedece quando as ordens não são bem dadas e principalmente bem fiscalizadas.

Accusa porém a Hygiene e com razão os médicos, que por miseráveis interesses de dinheiro occultam casos suspeitos ou reconhecidos, trabalhando para a propagação do mal.

Nesse ponto as acusações são justíssimas. Ainda há pouco tempo, 15 dias mais ou menos foi-nos contado por um deputado norte um caso curioso.

Appareceram em sua residência ratos mortos. Naturalmente assustado o representante da nação pediu providências e fez desinfetar minuciosamente sua residência.

Mas ninguém comprehendeu o apparecimento dos ratos mortos.

Passou-se um mês e por accaso o deputado veio a saber que no armazém que o fornecia tinha havido tres casos de peste — tres casos de morte.

Assim S. S. comprara generos em que o peso era completado com microbios.

Felizmente o deputado teve tanta sorte que em vez de atacar as pessoas de sua família a peste aocou apenas os ratos limpando-lhe a casa e poupando-lhe despezas com ratoeiras.

Mas calculem o perigo que correram todas as pessoas que compravam no referido armazém constituindo assim um centro de propaganda da Bubônica.

## AGUA

Decididamente o Rio de Janeiro já não possue uma só glória. O corpo de Bombeiros, o heroico, o bravo, o rapido, o inestimável, a honra nacional, que apresentavam orgulhosos ao estrangeiro attonito, é hoje um corpo meramente decorativo, serve apenas para figurar nos prestíjos cívicos e dar uma nota pittoresca na cidade, com os fachos acessos e as campainhas tintintando.

Pois se não ha agua!

Bombeiro sem agua é corpo sem alma.

Ainda esta semana houve varios incêndios os bombeiros vieram logo, mas o precioso líquido fez-se esperar e o fogo não esperou segunda ordem; foi fogo visto... torresmos.

E' curioso. Faz lembrar o caso do macaco com a lanterna mágica. O governo arranjou tudo, comprou bombas, arregimentou pessoal, exercitou-o, preparou-o, fardou-o... esqueceu-se apenas de accender a lanterna, isto é de dar-lhes agua.

## MEDICINA AMBULANTE

Por causa de umas vistorias e condenações de predios feitas em S. Paulo, muitos proprietários daquela cidade re-

uniram-se e resolveram não alugar mais casas a médicos.

A cousa tem graça e se não fosse uma imbecilidade impossível de pôr em prática ainda mais graça teria.

Imaginem toda uma classe social — e tão numerosa! — privada de tecto, dormindo ao relento ou acampando em barracas nas praças públicas e nos campos, a menos que o governo lhes fizesse construir galpões.

E as consultas e os chamados?

Teríamos o médico ambulante como já temos o peixeiro e o vendedor de hortaliças ou estacionariam os doutores pelas esquinas onde receberiam chamados como os carregadores?

Havia de ser delicioso.

Mas não tanta como a gravidade burlesca e a segurança oca com que os proprietários paulistas assombraram o mundo com a sua energia platonica.

## CURIOSIDADE

Foi-nos enviado um cartão com os seguintes dizeres:

« Inclita redacção do D. Quixote. Rio de Janeiro.

« Aurora Campos e Irene Costa, redactoras do Chromo; desejando prestar uma justa homenagem ao grande escriptor brasileiro Coelho Netto, pedem a essa ilustrada redacção o pequeno auxilio de 5\$.

« Certas de que serão attendidas, aguardam resposta até o dia 12 de Fevereiro e desde já se confessam agradecidas.

« S. Paulo, 15 de Janeiro de 1902.

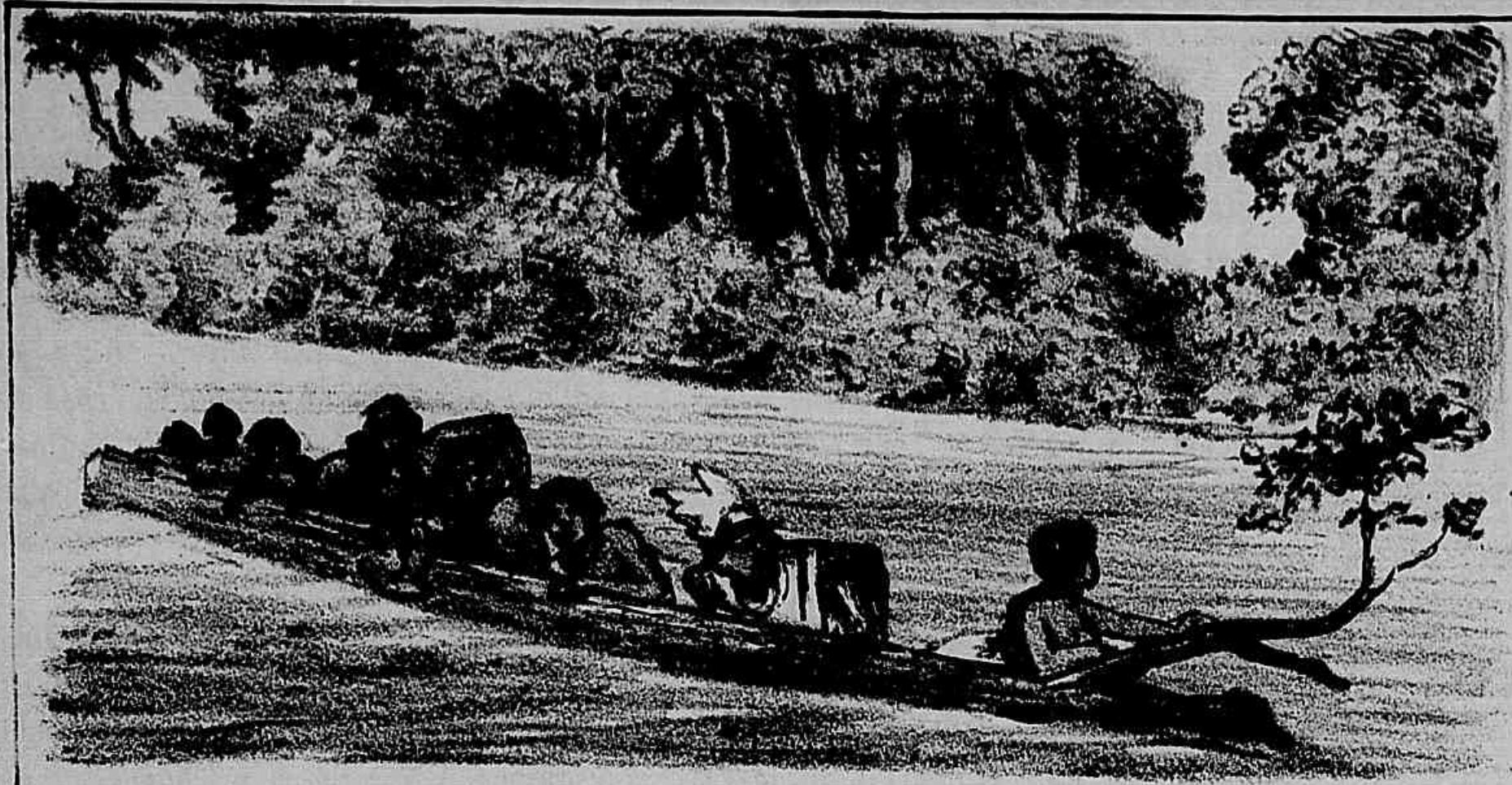
« Pedimos não publicar esta nossa missiva!!»

Perdoem-nos as amaveis e certamente bellas collegas se desobedecemos ao pedido final mas foi nesse ponto do vosso cartão que pasmamos.

Porque na verdade é de pasmar.

Que haja um jornal intitulado Chromo, nada mais natural, que esse jornal seja redigido por senhoritas, não é cousa do outro mundo, que se queira prestar uma homenagem a Coelho Netto, não será a primeira; que para isso se appelle para a imprensa — era de esperar — a imprensa é a alavanca... etc.

Mas que se queira fazer tudo isso mui-



*Impelido por uma forte correnteza, o tronco descia rapidamente o rio. Apesar de bons nadadores, os bugres, comprehendendo a impossibilidade de lutar contra a correnteza, mantiveram-se sobre o tronco.*



*Passado o primeiro momento de desespero, Zé saltou sobre o embrulho que Inayá costumava carregar, tirou delle uma corda, pegou no machado,*



*e deitou a correr pela beira do rio, seguindo com os olhos o tronco que carregava com a sua infeliz Inayá.*

*Não perdendo animo, tornou a seguir a margem do rio para tentar novo esforço:*



*Houve uma occasião em que elle teve esperança de poder salvá-la, atirando-lhe com a corda. Infelizmente, nesse logar o rio, era mais largo e a corda não pôde alcançá-la!*



*Não perdendo animo, tornou a seguir a margem do rio para tentar novo esforço:*



*teve, porém, que parar diante de obstáculos que o obrigaram a servir-se do machado para abrir caminho, e que lhe fizeram perder um tempo precioso.*

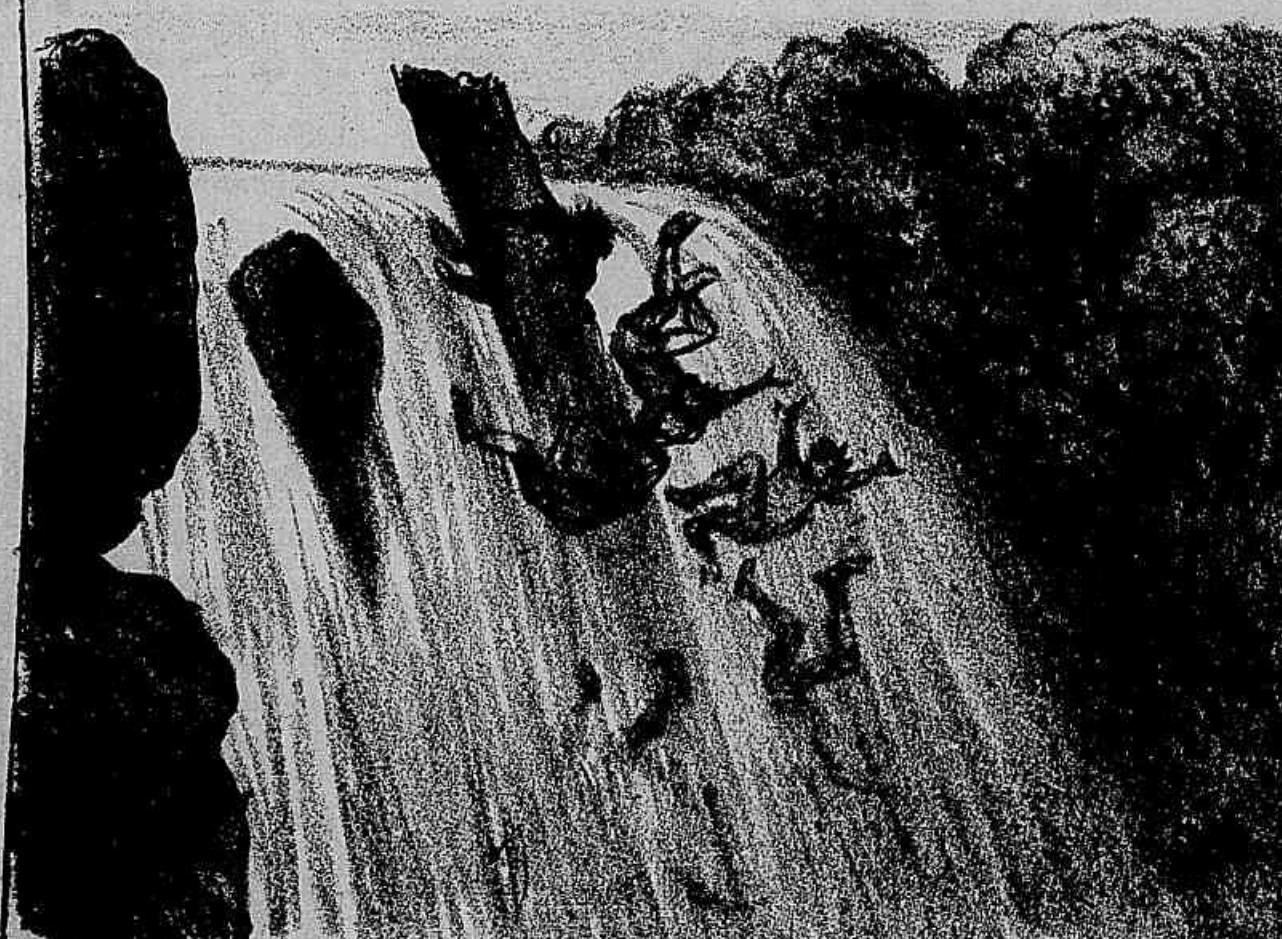
*O tronco da arvore, que seguia o seu caminho no meio do rio sem encontrar o menor empecilho, já estava perto da cascata. Ouça-se o ruído surdo da queda do rio.*



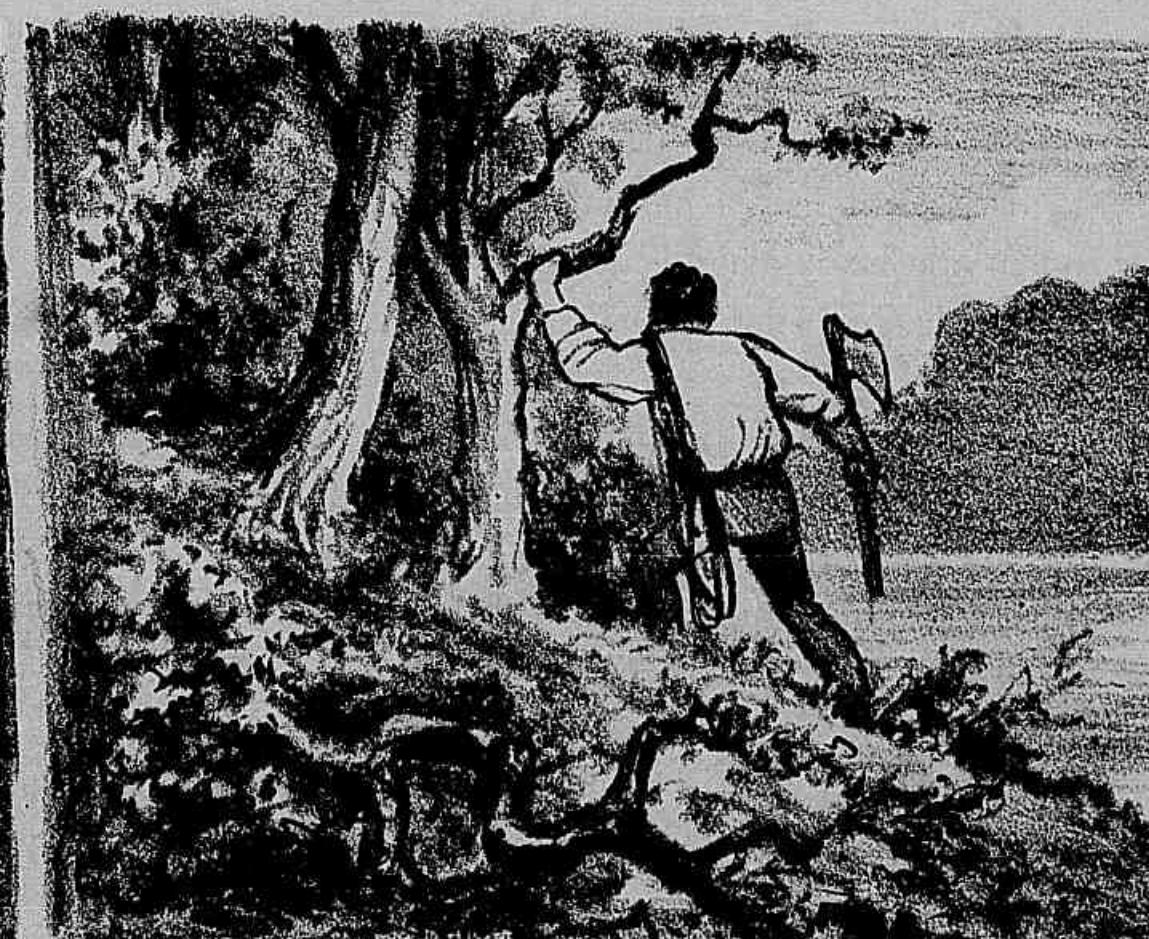
*Vendo, afinal, que era impossível salvar a india, Zé entregou-se ao desespero! Pobre Inayá! dizia elle, soluçando, morrer por minha causa, ella tão metga, tão valente e corajosa!*



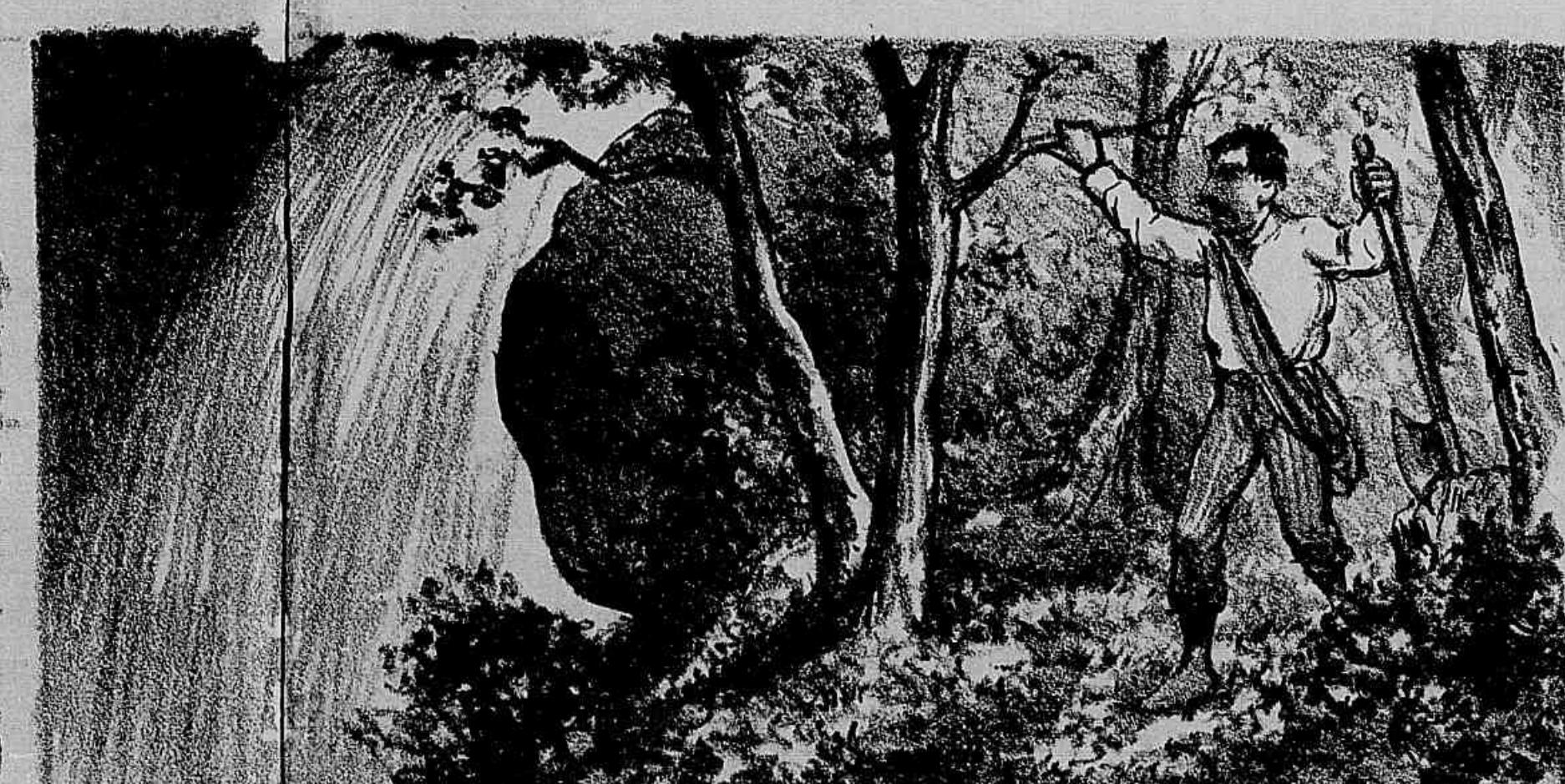
*Um tremendo grito de angustia ecoou de repente, repercutindo-se pelas margens do rio. Zé ergueu-se como impelido por uma mola e viu ao longe, o tronco precipitando-se no abismo!*



*Os desgraçados que a elle se achavam seguros, foram precipitados de uma altura de mais de 40 metros, despedaçando-se os seus corpos sobre as pedras! A morte dos infelizes foi instantânea!*



*Passado o primeiro choque, Zé tomou uma resolução e continuou a seguir a margem do rio. Já que não tinha podido salvar a vida à infeliz Inayá o seu fim agora era procurar o seu corpo para salvá-lo da voracidade dos peixes ou dos urubús.*



*Chegando perto da cascata, Zé viu por entre as árvores a enorme massa d'água que se despenhava com um barulho atordoador e comprehendeu o horror de uma queda em tão profundo e medonho abismo!*



*Chegando mais perto, para ver onde a cascata se precipitava, Zé estacou de repente; os seus cabelos se eriçaram, seus olhos abriram-se desmesuradamente e um grito... um grito impossível de definir, soltou-se daquele peito que já mal podia conter as palpitações de um coração tão angustiado!*

*(Continua.)*

to em segredo! Pedir silencio á imprensa cujo principal mister e businar! Querer fazer uma suhscrição em familia, escondida, como se fosse cousa muito feia ! !

E' assombroso !

Em principio estamos de acordo com as gentis collegas.

Nada mais justo do que uma justa homenagem a um litterato.

Mas nada de segredinhos, de caixas encouradas. Faça um rateio publico, barulho, muito barulho é o que se quer.

Quanto mais propaganda e bombo mais successo. •

## SUPREMO RECURSO

Um bispo andava em discussão com varios homens que não usam batina a proposito de uma Casa de Caridade na Paraíba do Sul ou antes de uns dinheiros pertencentes a esta Casa de Caridade e que a autoridade ecclesiastica queria gerir e os homens que não tem batina julgavam-se no direito de administrar.

A cousa entrou pelo terreno da justiça e o bispo desceu a discutir direito com os leigos e pleitear em tribunaes como um homem qualquer, mas imaginem que os leigos foram descobrir — um testamento do fundador do estabelecimento dando-lhes todos os direitos a gerencia.

Horror! Ahi o bispo não quiz saber de mais nada, aquillo era peccade e peccado feio.

E pega em si e excommunga o Dr. Benedicto Valladares um dos mais atrevidos entre os leigos, que não se quizeram sujeitar a vontade de S. Reverendissima.

A religião não tinha que ver com o caso mas é a mesma cousa.

Ou bem que se é Bispo ou bem não se é.

Dizem que o Dr. Valladares vai se suicidar de desgosto e não come de pezar.

Não é para menos.

## LEOPOLDO HECK

Este velho illustre gravador, tão conhecido e estimado em nossa patria que adoptara depois de mais de quarenta annos de residencia faleceu no dia 17 do corrente.

Os seus trabalho numerosos e de valor raro, tinham-lhe grangeado notavel nomeado. Ultimamente, já abatido por enfermidades crueis, ainda tinha empregado longos meses na consecção de em trabalho curiosissimo, a reprodução do celebre quadro *A Entrada de Carlos V em Antuerpia*, que despertou profunda admiração exposta na rua do Ouvidor.

O veneravel morto deixou trez filhos varões.

## BARÃO DE PEREIRA FRANCO

Foi uma surpresa terça-feira ultima a noticia do falecimento do Dr. Luiz Antonio Luiz Pereira Franco, barão de Pereira Franco ministro do Supremo Tribunal Federal.

O notavel jurisconsulto nascera en 1826 na capital do estado da Bahia foi senador do Imperio e desde o advento da Republica foi nomeado ministro do mais alto tribunal do Brazil.

Foi tres vezes ministro no passado regimen e em sua longa vida de trabalho e estudo prestou elevantes e leaes serviços a Patria.

## O TRUST DA CERVEJA

Quando escrevemos no numero passado sobre o monopolio da cerveja, longe estávamos de suppôr que as nossas observações fossem confirmadas em tão curto espaço de tempo.

Infelizmente para o consumidor, as quatro fabricas mais importantes do Rio de Janeiro e de S. Paulo já tinham assignado o convenio, cujas consequencias prejudiciaes já começaram a se fazer sentir.

Até aqui, as fabricas de cervejas, estimuladas pela concurencia e em lucta umas com as outras, offereciam aos commerçiantes e aos consumidor uma serie de vantagens e concessões com que todas lucravam e que muito contribuiam para augmentar a venda. Tudo isso acaba de desapparecer.

Assim que o convenio foi assignado, apressaram-se os monopolisadores em impor as suas suas condicções fazendo sobre o commercio intoleravel oppressão, que naturalmente repercutiu sobre o consumidor,

mais uma vez victimas dos que especulem á sua custa.

Até aqui, os fabricantes de cerveja forneciam ás casas de bebedas os barris acondicionados em gelo, afim de serem detalhados em *chopps*: o gelo foi supprimido.

Até aqui, as fabricas recebiam os encaches, o que contribuia para facilitar a venda: essa concessão desappareceu.

Até aqui, a cerveja era vendida a prazo ás casas de bebedas: agora os monopolisadores exigem o pagamento á vista.

E, como se isso não bastasse, o preço da duzia de garrafas de cerveja foi desde já augmentado de mil e quinhentos réis, augmento que preñimos em nosso artigo e que é uma consequencia fatal de todo monopólio.

Mas os monopolisadores foram mais longe. Agora, que estão senhores do mercado, não lhes basta a suppressão de vantagens que são praxe corrente no commerçio, não lhes basta obrigarem o consumidor a pagar mais caro os seus productos: querem ainda que este só tenha desta ou daquelle marca, conforme apraz aos seus interesses.

Assim é que ficou resolvido que, das duas fabricas que aqui funcionam e fazem parte do *trust*, uma só fornecerá cerveja em barris para ser vendido em *chopps*, enquanto que a outra só venderá cerceja em garrafas; e o mesmo se combinou para as duas fabricas de S. Paulo.

Ora, semelhante existencia não pode ser aceita sem forte protesto, porquanto é intoleravel querer obrigar o consumidor a beber em *chopps* uma marca de cerveja que não agrada ao seu paladar, sob pena de fazel-o desembolsar maior quantia para beber em garrafa a cerveja da sua preferencia.

## PIADINHAS

Consta que o Snr. ministro da Instrução no sentido de manter a ordem na capital da Republica, vai assinar um decreto approvando em todos os preparatorios todos os cidadãos brasileiros de 6 mezes a 35 annos de idade.

\* \* \*

Podemos garantir que vai ser reformado o regulamento dos exames no Gymnasio Nacional. Aquelles homensinhos implacantes que fazem perguntas indiscretas aos

estudantes, só por maldade, para atrapalhos, não terão mais o título de examinadores. Serão chaumados —aprovadores.

Muito bem.

\* \* \*

As companhias de Seguros de Vida dessa capital resolveram não aceitar mais negócios com examinadores do Gymnasio Nacional.

\* \* \*

A companhia do Jardim Botanico insiste com a Prefeitura afim de obter licença para deitar abaixo as velhas arvores das ruas Marquez de Olinda e Voluntarios da Patria.

A companhia comprometendo-se a plantar outras arvores que dentro de 5 annos serão tão seculares como as que vão ser cortadas.

\* \* \*

Da tão fallada industria nacional havia uma cousa positivamente boa — Cerveja — . Agora as fabricas se entenderam num arranjo e a cerveja nacional vai-se tornar mais cara do que a estrangeira.

A culpa é do governo que lançou impostos prohibitivos sobre as cervejas estrangeiras e esqueceu-se de fazer o mesmo com os trusts.

\* \* \*

Dizem telegrammas de Lisboa que Portugal em peso decidiu não comer mais (senão quando estiver com apetite) de desgosto porque o clero do Brazil prohibiu as exequias por alma do glorioso Mousinho de Albuquerque.

Também desde que nos sobemos do tremendo castigo, só temos comido cinco vezes por dia.

TICO-TICO.

## NOTICIARIO

A imprensa, as vezes, tem ingenuidades inauditas.

Pois a *Gazeta de Notícias* não se lembrou, um destes bellos dias de calor horrendo, de levantar mais uma vez campanha sobre a limseza publica da cidade!

Ora dá-se!

Pois isso é cousa em que ainda se falle! Pois ainda ha quem espere alguma consa da limpeza da Prefeitura, quem acrede que os poderes municipaes se resolvam

algum dia a tirar á cidade o seu caracter de chiqueiro com que tão bem se dá a edilidade em peso??

Santa innocencia!

O que vale é que no mesmo dia em que a *Gazeta* deitou artigo de doutrina, serio e sizado pedindo providencias e aconselhando melhoramentos, viu-se na rua do Ouvidor, a poucos passos da redacção, uma scena impagavel. Os varredores juntaram todo o cisco das immediações e fizaram um monte —uma montanha enorme de lixo alli no canto da rua dos Ourives.

Eram 6 horas da tarde e cahiu a noite e passou-se a noite e passava, passava o publico dando volta á pittoresca collina e ninquem estranhava o novo ornamento da grande arteria.

— — —

E por falar em cousas da cidade. O verão cá está formidavel, tremendo, já não vale apenas viver. Respira-se vapor dissora-se agua forrente, e com o bello estando da cidade, a poeira invade tudo, entranos pela bocca, pelo nariz, pelos olhos, é uma delicia!

Na rua do Ouvidor a elegancia e a beleza são cousas legendarias. As senhoritas passam bufando numa nuvem de pó, com o rosto luzindo de suor, o pó de arroz empapado, a escorrer, os olhos franzidos ao sol numa careta. Uma belleza.

E os rapazes com os collarinhos moltadissimos enrollados no pescoco, a bufar, a abanar-se, a arquejar...

## THEATROS

Marasmo quasi completo, absoluto, quasi nada de novo porque ninguem pôde chamar novidade o *Naufrágio da Fraguia Meduza* e foi esta a unica cousa que transformou o cartaz do *Recreio*.

A companhia do Dias Braga anda inteiramente preocupada com o *Quo Vadis*, que já se vai tornando legendario, tal o numero de transferencias e delongas que tem sofrido a sua primeira representação.

O caso é que apezar d'isso, na ultima semana, como sempre, foi a companhia Dias Braga a mais protegida pelo publico que especialmente no sabbado deu ao *Recreio* monumental enchente.

A *Meduza* com a sua jangada e seus naufragos não só encheram completamente o theatro como provocaram grandes aplausos, grandes entusiasmos.

E ahí está. Bem dizemos nós que o Dias Braga é o unico emprezario que sabe comprehendêr o nosso publico. Conhece-

lhe os gostos, dá-lhe o que elle quer — ganha dinheiro. Albarada-se o burro à vontade do dono.

\* \* \*

Pelas mesmas clarissimas razões a Sra. Cinira Polonio só lá uma vez ou outra consegue ter metade da casa ocupada.

Pudera. Pois se ella faz comedia — *vaudeville* parisiense e fino!...

Pois se quer obrigar o publico (o grosso e grande publico que enche theatros) a abandonar o dramalhão vetusto de uma simplicidade desoladora e vir massar-se em prestar attenção a dialogo, a pilherias difficeis de comprehendêr e peças em que não morre ninguem, nem ressuscita, nem vai preso, nem grita: — « minha filha! »

Ora adeus! Assim é inutil teimar.

Sabbado meia casa no *Lucinta* para a primeira represençao do vaudeville *Deputado de saias* uma peça bem feita e engracada, que faz passar a noite agradavelmente e os artistas da Sra. Cinira se esforçaram por levar ao triumpho.

O exito foi franco. A platea riu, aplaudiu... Assim estivesse ella cheia.

\* \* \*

Fallou-se em mais uma tentativa do corajoso emprezario Paschoal Secreto, que (constou) ia transformar mais uma vez o theatro Principe Imperial — dar-lhe novamente o titulo de *Theatro Variedades* e organizar para elle uma companhia de operetas e revistas, tendo como primeira drama a Sra. Pepa Ruiz. Mas parece que esses planos foram abandonados. O Sr. Secreto inaugurou o seu gracioso theatro do Parque Fluminense, com uma represençao do *Principe da Bulgaria* a agora, satisfeito com o exito da inauguração, o seu sonho é levar de vez a companhia Cinira para o seu theatro e começar a aprengada descentralisação das diversões que o Arthur Azevedo tanto parece desejar.

EMILIO FOGUETE'

## NOSSA ESTANTE

Recebemos :

— *A Estação*, numero de '5 do corrente d'essa excellente publicação de modas.

— A *Revista da Semana*, sempre interessante e variada.

— A *Universal*, n. 27.

— *Annuario Fluminense* elegante e muito util publicação feita por Ferreira da Rosa e Cardoso Junior com muitas informações e boa parte litteraria. A parte do almanach sobre a capital federal é preciosa.

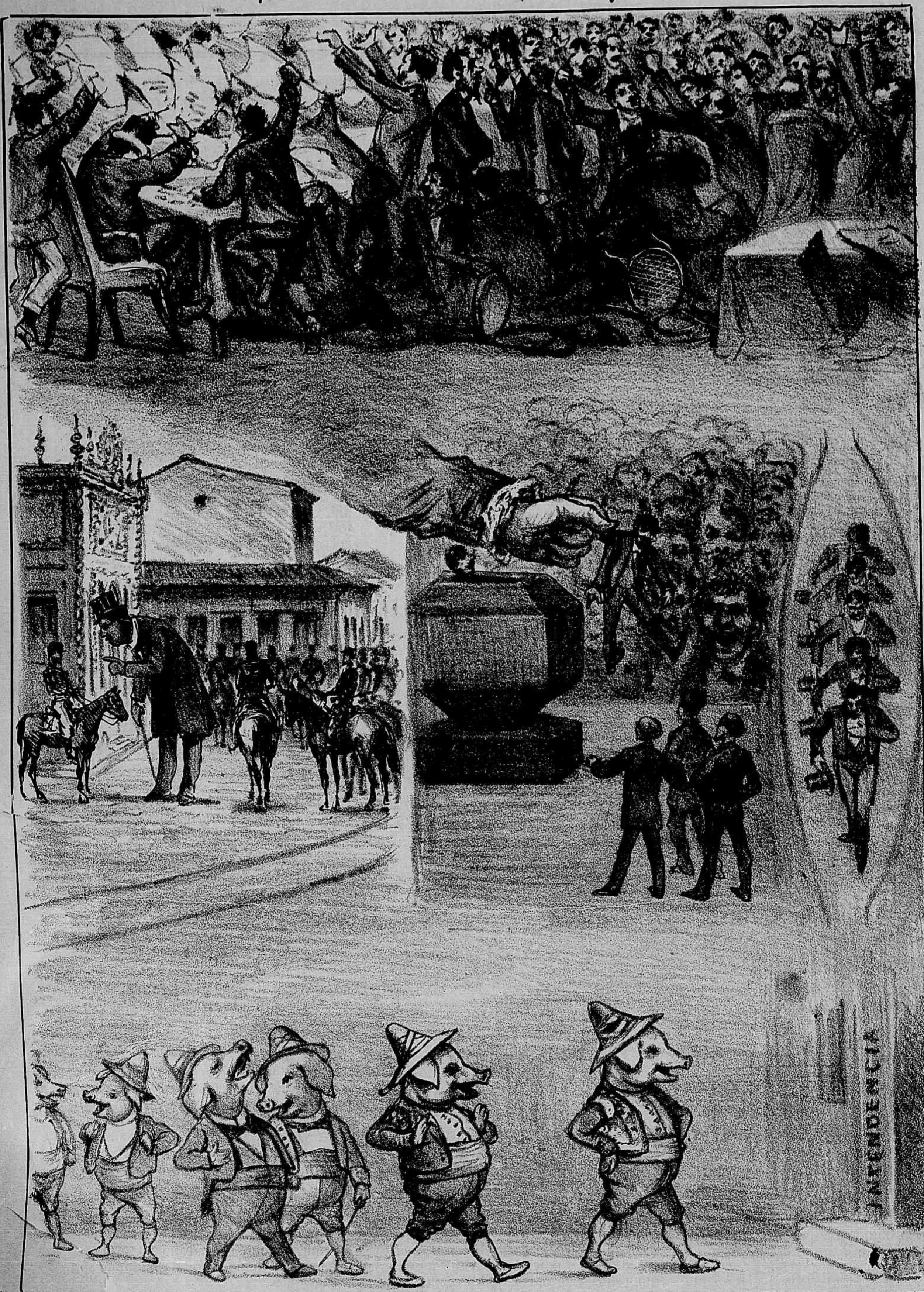
— O *Rio Artístico* revista de annuncios com retratos.

— *Revista Marítima Brazileira*, n. 5 do XXI anno.

— O *Iris*, n. 27.

— Phostovalsa de Valerio Vieira com uma capa muito artistica, um cliché photographic, muito bem arranjado formando um grupo de 50 figuras com uma só pessoa.

*Final da pilheria eleitoral. Que pandegos!*



Depois de uma chinfrinada tremenda, em que os pretores passaram á... história e à legenda, foi uma surpresa sem limites! Que ladroeria!!! Da eleição sahiram bem cinco que declinaram da honra, agradecendo. Para evitar assaltos aos livros o Alvarenga director do Conselho, fez guardas os por tropa. De toda esta troça, o resultado final, foi o Campos Salles chamar os antigos...